

P. ARCHINOF

A REVOLUÇÃO SOCIAL

E O SINDICALISMO

1925

SECÇÃO EDITORIAL DE A BATALHA
CALÇADA DO COMRO, 38-A, 2.º
LISBOA — PORTUGAL

Sofismas perigosos

As condições de luta do trabalho contra o capital estão longe de ser as mesmas em toda a parte. Variam segundo o grau de desenvolvimento do capitalismo, o estado da organização das classes burguesas, a experiencia revolucionaria dos operarios e dos camponeses, o seu passado historico, etc. Esta variedade pode e deve estar sujeita a certas diferenças quanto aos meios usados pelos trabalhadores no decurso da sua luta contra o capital. Mas, quanto ao fundo essencial da luta, devem estar de acôrdo os trabalhadores de todos os paises. Todos têm na sua frente o mesmo fim: destruir a sociedade burguesa e capitalista a fim de estabelecer em seu lugar a sociedade dos iguais, fundada sob os principios da liberdade e do auto-governo dos produtores. Esse fim não poderia ser alcançado doutro modo senão pelos esforços revolucionarios dos trabalhadores, em toda a parte, guiados pelo seu espirito e sua vontade de classe. Tal é o rumo do proletariado para a sua emancipação. Não existe outro.

Não obstante, os partidos politicos esforçam-se por substituir esse espirito e essa vontade pelo seu espirito e pela sua vontade, e impôr a sua linha de conduta aos actos de classe, pretendendo que essa seja a forma de condução necessaria do verdadeiro **movimento dos trabalhadores** para a liberdade, — o que, claro está, é uma insensatês,



um sofisma de políticos. A historia do trabalho oprimido e subjugado conhece mais de um exemplo de sofismas semelhantes, que, desgraçadamente, seduziam e extraviavam bastas vezes o proletariado, que contribuia assim, por si mesmo, para retardar o advento da libertação social.

O espirito e a vontade de classe dos trabalhadores são um espirito e uma vontade que nasceram no seu proprio meio, no ambiente immediato da vida social e dos revezes impostos aos mesmos trabalhadores, e que continuam vivendo e desenvolvendo-se entre eles, sobre as mesmas bases que os engendraram.

Os trabalhadores não exprimem melhor a sua vontade em actos, senão quando estes são expressos e dirigidos pelos seus verdadeiros órgãos de classe. Tal é a verdade vital elaborada pelo mundo do trabalho durante a sua luta secular. Todo o desvio dêsse caminho recto seria um crime para a humanidade laboriosa.

Preparação imediata

Ninguém pode saber que lapso de tempo separa as classes trabalhadoras do choque decisivo com o capital. Mas há que estar sempre preparado. Sob este ponto de vista, a propria vida impôs trabalhos concretos, de extrema e urgente responsabilidade para o sindicalismo revolucionario e para o anarquismo.

E' a eles que cumpre organizar as massas trabalhadoras dentro dos principios da produção e da revolução, posto serem conceitos de luta que contêm a palavra de ordem da revolução social dos trabalhadores, que está em marcha. E' a eles que corresponde a honra de ser os atiradores da vanguarda nessa revolução das massas. E são eles que deverão estabelecer um programa concreto e claro de acção dos trabalhadores no momento em que essa revolução verdadeiramente se apresente, um programa que fale uma linguagem franca aos trabalhadores e diga a cada um qual será a sua

tarefa nessa revolução que intimamente lhes diz respeito.

Vamos enunciar em linhas gerais os fins positivos que as massas trabalhadoras terão que executar durante o primeiro período da revolução social para a levarem a bom fim.

A revolução e o Estado

Uma revolução dos trabalhadores das cidades e dos campos não poderá ser senão uma revolução social. Qualquer outra revolução seria inútil aos trabalhadores e só poderia beneficiar a burguesia, ou então, como acabamos de ver na Rússia, o grupo intermediário da democracia socialista.

A revolução social implica o aniquilamento completo da sujeição política e social dos trabalhadores e a tomada por estes de todos os meios de produção e de distribuição, a fim de se criar a economia fraternal das classes operárias.

A primeira medida revolucionária que adoptará o proletariado vitorioso das cidades e das aldeias será justamente a de assegurar a posse de todos os órgãos para atender ás suas necessidades. Esta é a condição essencial e primordial da firmeza e desenvolvimento da revolução.

— «Mas, como proceder para organizar a produção, quando a contra-revolução ataca por todos os lados, quando não se tem exercito para a combater, nem um centro politico para coordenar e guiar os actos do povo revolucionario? Numa palavra: como é possível consolidar e desenvolver as posições da revolução sem um estado operario que disponha das forças politicas, militares e administrativas necessarias? Poderá cada sindicato operario possuir órgãos proprios de aprovisionamento, um exercito proprio, etc.?» — (*Argumentos de G. Zinovief, citados no seu relatorio ao segundo congresso da Internacional comunista*).

Todas aquelas perguntas tinham um só objectivo: desvirtuar a causa viva da revolução dos tra-

balhadores, demonstrando assim claramente que um politico jamais poderá ser senão um politico, infinitamente estranho á essencia da revolução social.

O fundo da revolução social tem um aspecto positivo e criador. A parte militar combativa e destrutiva é o seu aspecto negativo. E' verdade que a revolução não poderá começar senão por esse aspecto destrutivo. Será obrigada a desembaraçar o caminho para a realização dos seus fins fundamentais e positivos; será impossivel construir uma nova via antes de se aniquilar um inimigo tão perigoso e irreconciliavel como é o Estado com todos os seus órgãos. E' justamente desse trabalho que cuidarão em primeiro lugar os organismos revolucionarios dos trabalhadores, operarios e camponeses, e seus exercitos revolucionarios. E não será senão este facto o inicio da obra essencial da revolução social — o estabelecimento duma vida livre e independente dos trabalhadores. Tudo dependerá, pois, do que constitua nesse momento o objecto principal do pensamento e da atenção das massas. Não saberíamos insistir bastante sobre este ponto: se as forças da revolução se concentrassem do lado da parte politica e administrativa da questão, acabariam por criar um sistema estatista que sufocaria todos os germens positivos da revolução, subordinaria todas as suas forças e satisfazia-se consigo mesmo, existiria para si. A historia da revolução russa oferece-nos um exemplo notavel.

A revolução russa

Está fora de duvida que os fins positivos da revolução russa fracassaram justamente porque nela se introduziram os principios estatistas. Em plena revolução, os bolxevistas criaram um sistema estatista. Não obstante, não foram eles que dirigiram esse sistema; esse sistema é que os arrastou a eles; e esse sistema nem foi posto ao serviço da revolução, antes pelo contrario; a revolução foi submetida a esse sistema, criado pelo seu capricho.

O sistema estatista está caracterizado por este traço saliente: se consegue apoderar-se duma posição, por pouco excelente que seja, não a abandonará nunca de bom grado, antes fará tudo por nela se manter; trepará até á ultima extremidade, procurará difundir-se, estender-se e submeter á sua influencia todas as manifestações da vida. E' o que vemos na revolução russa. O mesmo perigo ameaça os sindicalistas que, como Monmousseau e alguns anarco-sindicalistas russos, não podem decidir-se a abandonar a idéa dum periodo politico transitorio e preocupam-se com a constituição dum novo sistema politico correspondente aos abalos iminentes nas condições da produção. Este sistema, que parece modesto no começo e apenas provisório, deverá ampliar-se inevitavelmente, tratará de abarcar e de submeter á sua autoridade todas as manifestações vitais e acabará por sufocar os germens positivos da revolução, para se satisfazer a si mesmo, para existir para si, tal qual como o sistema leninista.

O sindicalismo e a revolução

No entanto, o sentido do sindicalismo revolucionario reside justamente nisto: estar baseado sobretudo no aspecto positivo e criador da revolução.

Este aspecto compreende quatro pontos cardiais, e da solução justa destes problemas depende o exito da revolução.

São eles:

1.º — A Associação e o emprego razoavel de todas as forças da revolução;

2.º — A questão agraria;

3.º — A questão industrial (a industria e os transportes);

4.º — A questão do aprovisionamento.

A questão essencial da revolução social, sobretudo nos paises em que a industria chegou a um elevado grau de desenvolvimento, consiste na organização de uma produção unificada e baseada

nos princípios do *self-government* operário; este problema não pode ser resolvido duma maneira satisfatória sem que a questão mais geral do apovisionamento o seja também. Esta última, especialmente, não encontrará solução adequada fora da questão agrária e da questão relativa á organização e á applicação de todas as forças revolucionárias.

Logo nos primeiros dias a revolução social desenvolver-se-há dentro de duas condições que lhe garantem um exito completo: o poderoso impeto revolucionario dos trabalhadores e a possibilidade de usar livre e inteiramente dos recursos materiais do país para as necessidades da causa.

A organização da produção operaria era perfeitamente possível na Russia. Será, pois, ainda mais possível em países onde a industria haja chegado a um elevado grau de desenvolvimento, onde os proletarios estão unidos há longo tempo em vastos sindicatos e são muito mais ricos em conhecimentos tecnicos. Só surge a questão de saber como proceder para evitarem, tanto quanto possível, os erros; por onde começar? E' evidente que o operario das cidades só por si não poderá realizar a vasta empresa, que deve recorrer a outros elementos das massas trabalhadoras para conseguir os víveres e materias primas, para opôr uma resistencia armada á burguesia que atacará ou se defenderá, etc. E' aqui que aparece toda a importancia da organização e da applicação adequada das forças da revolução.

As forças criadoras da revolução

Há pessoas que imaginam ter o monopolio da revolução social. Não admitem nenhuma idéa independente, nenhuma tentativa de critica, não consideram como verdade mais que o que de si emana e declaram falso e prejudicial tudo o que vive e se desenvolve á margem. Nos dominios da

política e da revolução social exigem a submissão sem reservas de todos aqueles que se permitem pensar por forma divergente, e ou os desterram ou os combatem com as armas. Se conseguem alcançar uma situação de predomínio, representando o partido político dominante, são infinitamente prejudiciais á causa da revolução, dilacerando e triturando um organismo vivo. Na revolução russa foi aos bolxevistas que tocou a triste missão de assassinos. Destruíram todas as organizações revolucionarias existentes, mataram todas as correntes de opinião que não estavam de acordo com eles, «removeram de vez a vez» todos os sindicatos operários e declararam á margem da revolução toda a população camponesa, computada na Russia em 80 por cento dos habitantes em geral e em 90 por cento dos trabalhadores.

«Não prometemos nenhuma liberdade e nenhuma democracia; dizemos sómente ao campones que tem de escolher entre nós, que queremos fazelhe concessões realmente possiveis para conservar o poder e levar em seguida as massas ao socialismo, e a guerra civil franca» (tese de Lenine no terceiro congresso da Internacional comunista, 5 de julho de 1921; citação tomada dos jornais *Pravda* e *Izvestia*).

Portanto — ou nós, ou a guerra a todos os que não queiram submeter-se ao nosso poder, ainda que sejam 99 por cento — eis aí a divisa dos representantes do socialismo estatista, que oculta, na realidade, o antigo culto ao tzarismo com enganadoras apparencias.

O sindicalismo revolucionario, como o anarquismo, que aspiram a uma revolução social — e não a uma revolução de partidos politicos — a ultima revolução de todos os trabalhadores, não admitirão que as forças vitais da revolução sejam tratadas por uma maneira tão criminosa e funesta. Testemunharão a maior das atenções para a menor particula destas forças e tratarão de as incorporar na causa comum, fazendo-as servir o triunfo da revolução.

Consideramos todo o proletariado das cidades e toda a população camponesa laboriosa que não explora o trabalho alheio, como a verdadeira base

e o agente criador da revolução social. São eles que servirão de fundamento á revolução. Toda restrição das suas forças e dos seus direitos, seja sob que pretexto fôr, equivale a arrancar e a destruir as proprias raizes da revolução. As forças dos trabalhadores das cidades e das aldeias deverão ser aproveitadas a tempo, organizadas e atraídas ao serviço da revolução, serviço amplo e o mais activo possível. Este é o primeiro dever positivo e criador do sindicalismo revolucionario e do anarquismo.

A questão agraria

A revolução terá logo que achar solução para a questão agraria. Aos primeiros exitos obtidos pela revolução, os camponeses apossar-se-hão de todos os bens territoriais e de todos os instrumentos de trabalho agricola que se encontrem na posse dos exploradores do trabalho alheio. A orientação da revolução deverá ser no sentido de as organizações dos operarios e dos camponeses assegurarem, de comum acordo, a posse do solo e de todos os instrumentos de trabalho agricola á população camponesa, á qual pertencem de direito. A questão das formas em que a terra deverá ser disfrutada e a maneira como a população deverá cultivá-las (comunal ou familiarmente) deverá ser resolvida pelos proprios camponeses. As organizações operarias não poderão exercer nesse particular senão uma influencia ideologica.

Seria desejavel, evidentemente, que essa influencia se fizesse sentir desde logo no sentido de uma exploração e de um cultivo comunal das terras, porque essa é a forma a que chegarão os trabalhadores, tarde ou cedo, pelas leis do desenvolvimento social e tecnico do trabalho. Quanto mais ampla e energicamente se fizer hoje essa propaganda, mais se farão sentir os efeitos no momento da revolução social. O aspecto material e tecnico da questão — os instrumentos de trabalho agricola — não terá uma importancia pouco menor para o

metodo comunal do cultivo e da exploração da terra. Quanto mais poderosos e aperfeiçoados sejam esses instrumentos, mais racional será empregá-los na exploração comunal, para o disfruto comunal do solo.

O abastecimento e os camponeses

A organização da produção operaria apresenta-se particularmente importante e complicada no decurso da revolução, mas não poderia ser resolvida á margem da solução que terá a questão fundamental — o aprovisionamento dos víveres. Por muito feliz que haja sido posta em marcha a organização da produção operaria livre, se o problema dos víveres não é resolvido de uma maneira razoavel e ditosa, essa organização deverá, infalivelmente, enfraquecer-se, deslocar-se e ser destruída.

No decurso da revolução russa, o partido comunista encontrou para a questão do aprovisionamento uma solução extremamente simples, praticada já por outros na Russia desde os tempos de Gengis Can e de Tamerlan. Em 1918, Lenine lançou o grito: «Todos á guerra sagrada para a conquista do pão». Numerosos destacamentos armados de espingardas, de metralhadoras e até de canhões foram organizados e enviados a todos os recantos da Russia para requisitar e tomar pela força o trigo aos camponeses. Estes destacamentos, que executavam as ordens das autoridades centrais, personificavam em certo modo a «cidade». E aqui temos que a cidade (ainda que no fundo não fosse senão um só partido a desfigurar o aspecto verdadeiro da cidade) foi ao campo revolucionario para nele conseguir o pão, com o auxilio da pólvora e do chumbo. Uma nova era de guerras civis se abriu entre as massas laboriosas de camponeses e as autoridades das cidades. Esta luta, intestina dura há mais de cinco anos, durante os quais inumeros

camponeses foram mortos, seguramente mais de um milhão, aldeias inteiras foram, ás centenas, destruidas e queimadas, e a revolução russa desfalece nos quadros da fome.

Para a massa dos camponeses, a pólvora e o chumbo estão ligados tão intimamente ao poder dos comunistas, que olham com desconfiança até a troca de mercadorias, posta em moda pelo governo nestes ultimos tempos, e preferem negociar com os especuladores privados do que com os representantes da autoridade.

A unica solução possivel da questão dos viveres durante a revolução só se encontrará na base dos laços revolucionarios que unam a cidade e os campos laboriosos. Os camponeses jamais quererão ceder de bom grado os produtos do seu trabalho aos funcionarios do Estado, aos quais consideram não só inúteis, mas também nocivos á sociedade dos trabalhadores. Mas, por outro lado, os camponeses que se hajam apossado pelos meios revolucionarios da terra e dos instrumentos de trabalho agricola, entrarão muito voluntariamente em relações e negociações contínuas com o proletariado das cidades, libertado e possuidor dos instrumentos da produção de riquezas enormes, a industria moderna. A criação de laços semelhantes será consideravelmente facilitada pela participação da população camponesa laboriosa na causa da revolução.

Quando a população camponesa sentir que a revolução não é para ela uma madrasta como na Russia com a ditadura do partido comunista, podendo na mesma tomar a sua quota parte de actividade com confiança, ela concorrerá com todas as suas forças de criação social e revolucionaria para o seu triunfo. Não deixará de avançar ao lado da classe operaria na revolução social que lhe faça entrever o horizonte de liberdade de trabalho e de igualdade. Sustentará o proletariado das cidades fornecendo-lhe os viveres necessarios, porque sabe que os poderosos instrumentos da classe operaria — a mecanica da industria moderna — não tardarão em ser postos ao serviço das necessidades de todos os trabalhadores, das cidades e dos campos, indiferentemente.

Conferencias conjuntas de camponeses e operarios, conferencias de concelhos, de distritos, de provincias, de regiões, marcarão os primeiros passos, os primeiros esforços para a solução das dificuldades do abastecimento e serão tambem os primeiros órgãos que sirvam para aplanar dificuldades e formarão a base de união da cidade e do campo laboriosos.

O abastecimento organizado sobre uma aliança deste genero dará á classe operaria a possibilidade de estabelecer sobre fundamentos solidos a obra de uma produção nova. Mas a fim de que aquele, tal qual como com a mecanica da produção, se afirme e se desenvolva sem interrupções, será preciso que o proletariado das cidades se ocupe logo nos primeiros dias de satisfazer as necessidades mais instantes do campo. Os esforços mutuos dos camponeses e operarios chegarão assim a formar uma base economica poderosa para a revolução e nem os reis da finança nem os dos partidos conseguirão desalojá-los de lá.

A produção industrial e a distribuição

Pelo que se refere á questão da industria, a solução será infinitamente facilitada com a solução da questão agraria e do abastecimento.

A organização da produção livre sob a base da auto-direcção dos operarios não pode deixar de ser obra dos mesmos operarios que realizam a produção. Nenhuma organização politica ou estatista que viesse a estabelecer-se poderia ser admitida para aquele efeito. As conferencias (de concelho, distrito, provincia ou região) dos operarios, dos seus sindicatos e das suas federações de industria, assim como os conselhos (soviet) economicos dos sindicatos que venham a organizar-se (as Uniões de Sindicatos ou Camaras do Trabalho, já existentes — acrescenta o tradutor) — são quem deve

decidir sobre a totalidade das questões da produção. Serão eles que elaborarão os objectivos e a direcção da produção conforme as necessidades dos operários e dos camponeses, oriando os órgãos necessários á distribuição, velando por que não se produza qualquer acto abusivo nos órgãos, de futuro livres, do trabalho criador.

A produção será unificada. Eliminará do seu seio o salariato e os privilegios e lançará desde principio as bases da cooperação e da franca camaradagem entre todos os trabalhadores. A distribuição — que corresponderá á produção — será também unificada no sentido de que todos os participantes na produção nova e os membros de suas famílias, os corpos sociais que nela tomarem parte, terão exactamente os mesmos direitos aos bens produzidos.

Uma vez resolvidas as questões fundamentais da revolução social — a questão agraria, a do abastecimento e a da organização da industria — os camponeses e os operários terão ganho o que convençionámos chamar as posições da auto-direcção dos trabalhadores. Desde então os principais nervos da vida economica estarão na sua posse. Estarão em condições de a construir e de a dirigir de accordo com a sua vontade e com as suas necessidades. Desde esse momento abrir-se-ha uma nova era de relações sociais, livres de toda a intervenção do Estado e que com ele nada tem que ver. Os aspectos multicolores da nossa vida — as questões de instrução, de assistencia, de saúde publica, os registos de nascimento e falecimento, a decisão de conflitos, enfim, tudo o que poderia ser designado por actos civis e sociais — serão regulados pelos órgãos do *self-government* popular.

A revolução basear-se-há, fundamentalmente, numa organização da produção e distribuição feita conforme os principios do trabalho e da igualdade. Os diferentes ramos da produção serão dirigidos pelos sindicatos respectivos e pelos seus conselhos economicos de produção (Federações de industria) e a produção em conjunto por um conselho geral de produção dos sindicatos (Secção das federações da C. G. T.). Os trabalhadores poderão reagir em cada fenomeno da vida social e

cívica, regulando o seu curso com a ajuda de órgãos que criarão para esse efeito de acordo com os organismos básicos. O essencial é não se deterem nem confundirem com meros detalhes e não esquecerem o que constitui o fundo da revolução social. Esse fundo consiste:

a) Em que os operários e os camponeses deverão destruir os sistemas estatistas que os oprimem — tanto burgueses como comunistas — apoderarem-se das posições que lhes permitam construir livremente a sua vida sob as bases do seu próprio *self-government* (auto-direcção, gestão própria);

b) Em que os operários e os camponeses, depois de terem liquidado os sistemas estatistas, deverão concentrar a sua atenção e os seus esforços no aspecto positivo da revolução;

c) Em que, se consentem, em vez disso, outros sistemas políticos, terão perdido a revolução;

d) Em que, se confiam a sua causa revolucionária a um partido ou a um poder novamente organizado, terão igualmente perdido a revolução.

O aspecto negativo da revolução

Limitar-nos-hemos a poucas palavras sobre o que designamos por *aspecto negativo da revolução*, embora necessário: o exercito e os outros meios de defesa revolucionária.

Os fins positivos da revolução que acabaram de ser descritos não poderão ser realizados senão com a condição de os operários e os camponeses serem igualmente decididos defensores e guerreiros da revolução. Seria erroneo supôr que bastará aos trabalhadores apoderarem-se dos instrumentos de trabalho e que no porvir tudo se reduzirá á organização da produção e da distribuição segundo os princípios do trabalho e da igualdade. Longe disso. Os trabalhadores terão que sustentar uma verdadeira guerra com o Estado burguês que dis-

põe de meios de coacção poderosos e maravilhosamente organizados; do exercito, de guarda nacional, de policia e de uma multidão de funcionarios capazes de combaterem bem.

No decurso da revolução o Estado burguês converter-se-há num campo de batalha e cada aldeia será uma base de operações militares.

Nessas condições — e não poderiam ser outras em caso de revolução — apoderarem-se das fabricas e dos transportes e não empreenderem nada para aniquilar rapidamente a potencia militar e politica da burguesia, seria cometer uma falta monstruosa; isso equivaleria a apresentar-se sem armas no campo inimigo e colocar-se ás suas ordens.

Ao mesmo tempo que se procede á expropriação dos instrumentos de trabalho e demais meios de produção, os trabalhadores deverão enfraquecer, quebrar, todas as forças do Estado. Não apoderarem-se do poder, pelo qual suspiram socialistas e comunistas, mas destruí-lo, assim como todos os órgãos em que o mesmo se apoia; sem isso, não poderia haver segurança, nem só um momento, na estabilidade das conquistas revolucionarias. Entretanto, é necessario tér em conta que se trata dum trabalho complicado, que exige inumeros esforços, grande saber e firmeza.

Se os trabalhadores não obtiverem desde principio um exito em toda a linha, na expropriação dos instrumentos de trabalho e nas lutas á mão armada, a burguesia, toda uma serie de grupos sociais privilegiados, disporão, graças ás suas relações nacionais e internacionais, de um contingente de forças sufficiente para guerrear a revolução durante alguns anos. Nessa guerra recorrerão a todas as regras da arte estrategica, manifestarão o maximo de tenacidade na sua ofensiva.

Para que a classe operaria não seja batida logo nos primeiros momentos pelo exercito ás ordens do Estado, será preciso preparar-se desde o começo para uma luta incondicional, iniciando logo a ofensiva. Para o conseguir, será necessario organizar-se a tempo em vastos corpos militares, que pense nas medidas necessarias e que preencha as filas do seu proprio exercito.

Sim, esse exercito é indispensavel e será criado pela vontade do trabalho insurreccionado. Mas não um exercito de servos, fundado sob a violencia e disposto a desertar a cada momento se a ameaça da pena capital o não retivesse — assim são todos os exercitos, incluindo o exercito vermelho dos comunistas — mas um exercito livre, formado de verdadeiros militantes e camponeses da revolução. Esse exercito será composto de recrutas voluntarios capazes da auto-disciplina mais severa, da abnegação e dos maiores sacrificios. A revolução russa teria podido dar esse exercito de uns dois milhões, ou talvez mais, de militantes voluntarios, e não por dois ou três meses, mas sim por anos inteiros. Debilitado, desorientado e desorganizado pela politica do poder desde principio, não pôde formar com esses voluntarios senão alguns destacamentos de insurrectos dispersos, que conseguíram, no entanto, quasi só com as suas proprias forças, destruir a contra-revolução, representada ora por Skoropadsky, ora por Denikin, etc.

O exercito do trabalho insurrecto será organizado por indicação das organizações, das uniões de camponeses e dos operarios; será responsavel perante elas e por elas dirigido, por intermedio da secção militar do conselho geral da produção dos sindicatos.

A questão do exercito será resolvida, pois, de acordo com os principios fundamentais do sindicalismo revolucionario.

O sindicalismo revolucionario base solida de reconstrução social

O sindicalismo revolucionario, parte integrante do anarquismo, é o que contém actualmente a ideologia e o espirito da luta de classes. No momento da revolução, mais ainda que na actuali-

dade, os trabalhadores põem nele a sua confiança, as suas esperanças e os seus esforços. Será o instante de uma união de todas as classes proletárias excepcionalmente brilhante e de sublime ímpeto de todos os trabalhadores. As faltas que o sindicalismo revolucionario e o anarquismo pudessem cometer nesse momento causariam um dano incalculavel á causa da libertação dos trabalhadores, dano que não seria só local, como succedeu com a revolução russa, mas uma catastrophe que não poderia ser reparada senão ao cabo de um seculo ou seculo e meio de esforços dos trabalhadores.

Mas o sindicalismo revolucionario ficará fiel á sua razão de ser. A concepção do mundo que ne.e radica, toda a sua historia, o proprio sentido da sua existencia — tudo demonstra que é justamente ele que está chamado a reunir as fileiras dos trabalhadores para a construção do edificio magnifico do trabalho libertado. E construirá esse edificio sobre as bases solidas das forças economicas e sociais, sobre os fundamentos das necessidades essenciaes da humanidade laboriosa e não sobre a areia movediça dos sistemas e das instituições politicas.



EDITORIAL DE «A BATALHA»

ORGANIZAÇÃO SOCIAL SINDICALISTA

Capítulos: I. O ideal — A idea — II. Os fenómenos sociais — III. Agregados sociais — IV. As duas classes antagónicas — V. Organização Sindicalista — VI. Meios de acção — VII. Conclusões (estrutura orgânica).

Fóra do texto: Esquema gráfico da O. S. S.

1 volume com 160 páginas — 3\$00

A CRISE DO SOCIALISMO

POR AUGUSTIN HAMON

Capítulos: Sua evolução — Sua situação presente — Suas causas — Seus efeitos — O futuro.

Brochura com 60 páginas — 1\$00

OS I. W. W. NA TEORIA E NA PRÁTICA

Interessante trabalho sôbre a organização industrialista do proletariado norte-americano.

1 volume com 164 prginas — 3\$00

O SINDICALISMO REVOLUCIONARIO E A ORGANIZAÇÃO OPERARIA

POR RODOLFO ROCKER — 1\$00

A REVOLUÇÃO SOCIAL

E O SINDICALISMO

POR P. ARCHINOF — 1\$00

SERVIÇO DE LIVRARIA DE «A BATALHA»

Obras sociológicas e Romances revolucionários, Esperanto, Literatura portuguesa dos melhores autores etc.

Satisfazem-se todos os pedidos que venham acompanhados das importâncias respectivas

Calçada do Combro, 38-A, 2.º
LISBOA — PORTUGAL